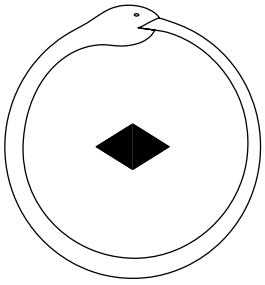


TRANSBORDAMENTOS
Nastassja Martin



cadernos
SELVAGEM



TRANSBORDAMENTOS

Nastassja Martin

O texto deste caderno foi adaptado por Nastassja Martin a partir de sua fala na travessia Águamãe, que aconteceu no dia 25 de outubro de 2025, a bordo de uma barca na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro.



El viajero entra a la quebrada bruscamente. La voz del río y la hondura del abismo polvoriento, el juego de la nieve lejana y las rocas que brillan como espejos, despiertan en su memoria los primitivos recuerdos, los más antiguos sueños.

JOSÉ MARIA ARGUEDAS, *LOS RIOS PROFUNDOS*

Quando me pediram para refletir sobre a água, a primeira palavra que me veio à mente por analogia foi *abissal*. Há tantas águas. As águas de cima e as águas de baixo, as águas congeladas nas altas montanhas de onde venho, as águas que caem em flocos rodopiantes neste exato momento sobre minha casa do outro lado deste mar, as águas suspensas no céu, que sobem em vapor ou formam sobre nós cortinas de chuva, as águas das nascentes, do orvalho, dos córregos, dos rios, do oceano primordial onde os primeiros seres se encontraram para criarem juntos uma terra onde habitar. Há ainda o caráter cósmico vertiginoso das memórias orgânicas transportadas pela água, se considerarmos sua relação magnética com os movimentos lunares e planetários. Por fim, há a água que eu conheço melhor: a dos meus olhos que choram de raiva diante da extensão do desastre, que choram de gratidão quando o amor se faz presente em mim, a água dos meus olhos que acolhem o dia para se lembrar da luz e sonhar à noite.

A água é abissal de se pensar, não só por causa de suas metamorfoses e metaestabilizações tão variadas, mas sobretudo porque o elemento hídrico nos lembra necessariamente o motivo da origem. Não é de se surpreender, portanto, que a antiguidade ocidental tenha feito da água – mais

do que um espelho de Narciso, mais do que o suporte de uma meditação incessante – um dos principais temas de sua filosofia. Como é o caso do pensamento mítico, poético e onírico, as filosofias da água, como o heraclitismo¹, souberam recusar-se a abandonar o local da eclosão original.

Dito isto, o abismo que se abre sob meus pés para navegar pela proposta aquática é provavelmente, em primeiro lugar, de ordem atual e política: como falar sobre a água em um mundo literalmente coagulado pelo medo? É por aí que gostaria de começar: se a água é a fonte da vida, é o medo que está na origem do materialismo extrativista. O medo a que me refiro aqui ultrapassa a subjetividade de cada um, infiltrou-se na memória do tecido social moderno, tornando-se ao mesmo tempo crônico e informe; líquido, como a água, mas purgado, higienizado de seus poderes nutritivos: não sabemos mais por qual prisma apreendê-lo. Esse medo se multiplica ao se fixar em uma multidão de imagens bagunçadas, escorre e transborda por todos os poros do coletivo, gerando políticas de emergência repetidas que supostamente respondem a estados de alerta incontroláveis. A “segurança” tornou-se a palavra de ordem por excelência, supostamente para responder à “instabilidade nas fronteiras”, em todas as fronteiras.

A grande narrativa *mainstream* (o rio principal no qual supostamente devemos remar) nos diz que todos aspiram necessariamente a um retorno à tranquilidade, à normalidade, às constâncias, à ordem e ao previsível. No entanto, são justamente esses estados a princípio “pacificados” que continuam a nos fazer falta. É aqui que gostaria de concentrar minha atenção: se levarmos a sério a ideia de que as metamorfoses ambientais e climáticas atuais nos mergulham de volta no tempo do mito, e que aceitamos a dissolução de nossos limites íntimos e coletivos como nossa *condição existencial* atual, então talvez até sejamos capazes de encarar esse medo no fundo dos olhos sem nos fossilizar imediatamente — ou nos dissolver, dependendo da escolha.

Ao ceder à ilusão do controle dos humanos sobre todos os outros componentes dos mundos, renunciamos ao domínio de uma memória, aquela que cintila no momento de um perigo, músculos tensos, cuidado redobrado, abertura do possível salto, aquele que mata ou salva; aquele

1. Doutrina do filósofo grego Heraclito de Éfeso (cerca de 540 a.C. – 480 a.C.), que tem como principais conceitos a existência de um fluxo universal que determina a constante transformação das coisas. [N.T.]

que permite renascer. Neutralizamos os seres e entidades que davam sentido e orientação aos medos, que os enquadravam no espaço e no tempo e os tornavam suportáveis, superáveis. Essa neutralização nos leva a acreditar que erradicamos o medo fisiológico produzido pela sensação de ser perseguido, caçado, dominado, engolido, queimado, destruído por aquilo que existe fora da humanidade. O que ganhamos em troca? A normalização diária de um medo latente, o famoso estresse consubstancial à vida moderna, que se infiltra em todas as camadas de nossas vidas, saturando potencialmente a totalidade da experiência individual e coletiva. Nossa condição de encarnação mamífera não nos preparou para aguentar, e nem a qualquer outro ser vivo, aliás, o regime de medo cotidiano ao qual consentimos, que se alimenta de tudo e de qualquer coisa. Se não esvaziamos o mundo de seus poderes – o que é, falando francamente, impossível –, pelo menos abolimos nossa capacidade de nos conectar a ele.

Meu ponto de partida é o seguinte: não estamos mais acostumados a nos conectar com os tipos de entidades que surgem hoje, aquelas que supostamente se movem sem corpo e sem espírito, as forças elementares. Como conter nosso medo diante dos grandes fluxos geofísicos que nos transbordam? Diante dos incêndios que consomem e transformam em cinzas ecossistemas inteiros, das barragens que se rompem e das ondas que destroem, das tempestades que devastam e dos furacões que aniquilam? Os fluxos elementares sempre se manifestam muito rápida e fortemente, muito brutal e massivamente. Em um instante, eles conseguem acabar com todo o esforço que fizemos durante séculos para tentar direcioná-los. Seus movimentos difíceis de prever podem se manifestar tão rapidamente quanto um raio, breve, implacável e sem volta. Pense na tempestade no alto da montanha e na enxurrada de lama que soterra o vale. Na encosta da montanha que desaba e interdita as estradas. No tornado que arranca telhados. Na onda gigante que apaga uma cidade do mapa. No vulcão que explode, lembrando-nos dos rostos aterrorizados e petrificados dos moradores de Pompéia no dia do cataclismo².

2. Em 79 d.C. o vulcão Vesúvio entrou em erupção lançando cinzas, pedras e outros detritos vulcânicos sobre a cidade romana de Pompeia. Durante centenas de anos a cidade ficou soterrada sob uma espessa camada de detritos e foi redescoberta no século 18. (N.E.)

O quão estranho é lembrarmos que somos aqueles que derrubam as forças elementares ao mesmo tempo que derrubamos dragões – *derrubar* no sentido de serem *mantidas no chão*. Contidas. Engenhadas. Manipuladas. Barradas. Confinadas. Controladas. Estes são os termos que governam a nossa “segurança” moderna. E, no entanto, apesar de toda esta engenharia e das grossas muralhas que erguemos entre nós e o mundo, podemos afirmar que estamos a salvo? A resposta é tão breve e implacável como um relâmpago: não. O que nos resta? O medo como motivo último e intocável da necessidade absoluta de segurança, que, por sua vez, justifica a evidência da continuação das operações de controle gerencial dos fluxos elementares, de sua colocação em prática, até sua manipulação *geoengenheirada*³, que deveria ser capaz de dirigir e orientar seus movimentos.

As lógicas de planejamento típicas do regime de transição energética deveriam responder de forma eficaz à necessidade de descarbonização, embora nada seja menos garantido; elas se estendem deixando claro o tipo de relação redutora que mantemos com os fluxos elementares, concebidos como recursos inanimados disponíveis para apropriação e considerados renováveis por serem inesgotáveis. Obviamente, é aqui o cerne do problema. Esses fluxos, além de condicionarem a habitabilidade da Terra, também se tornaram os protagonistas do que chamamos de mudança climática.

São eles que se manifestam e nos fazem questionar o tipo de relação que mantemos com eles, o tipo de captação, canalização e manipulação que implementamos, capazes de contê-los e, ao mesmo tempo, de torná-los produtivos. A transgressão de seus limites, nos quais deveriam se manter, revela a fissuração desses limites restritivos. É comum dizer que as fronteiras excessivamente rígidas impostas aos seres vivos acabam sempre sendo transgredidas. Muitas figuras mitológicas, como os *tricksters*⁴, expressaram essa disposição dos seres em ultrapassar as capacidades

3. Geoengenharia é a intervenção deliberada e em grande escala no sistema climático da Terra, geralmente com o objetivo de mitigar os efeitos adversos do aquecimento global, com consequências ainda não explicadas. [N.T.]

4. *Trickster* é um arquétipo mitológico e literário caracterizado por ser uma figura ambígua, transgressora e caótica que desafia normas, hierarquias e valores estabelecidos. *Tricksters* estão presentes em diversas culturas ao redor do mundo; no Brasil, um exemplo próximo seria a figura do malandro. [N.T.]

que lhes eram atribuídas, tornando-se algo diferente do que os humanos esperavam. Esse lugar-comum se confirma hoje através da multiplicação das catástrofes climáticas, manifestada por aqueles que não têm boca para falar, olhos para ver, ouvidos para ouvir e nem pele para sentir.

Seguindo os rastros dos seres humanos que nunca deixaram de se questionar sobre as forças que cocriam seus mundos, entendemos que as manifestações elementares respondem, para muitos coletivos, a um diálogo que se tornou impossível entre seres e entidades de composição diferente; diálogo esse, entretanto, necessário para manter uma Terra habitável. O que essa postura reflexiva nos revela se a aplicarmos a nós mesmos? O que acontece se levarmos a sério a ideia de que os fluxos elementares estão respondendo, por meio de seus transbordamentos, à normalização da economia do medo – e, portanto, à ruptura do diálogo – na qual e pela qual vivemos? Uma ideia relativamente simples surge: estamos pagando a dívida. Se as saídas não podem ser encontradas através do tecnosolucionismo, porque ele apenas imita e reproduz os axiomas de uma ontologia obsoleta, então talvez seja necessário mergulhar mais fundo, virar o bloco de granito que bloqueia a entrada da caverna e acampar ali, diante da maré crescente, saltar para o desconhecido como se salta para o mar.

Imaginemos nosso próprio corpo como um barco. O casco seriam as costelas; o mastro, o esterno; os pulmões, as velas. O capitão desse barco seria o coração. É ele, com sua chama, que dá o ritmo às marés sanguíneas internas nas quais nosso barco navega, abre a possibilidade da respiração ao encher nossos pulmões e empurrar o ar para cima, em direção à voz, em direção à possibilidade de um encontro. Pense no que acontece quando a água-sangue renuncia à sua fluidez ao coagular-se inesperadamente. Coágulos se formam e obstruem nossas artérias: eles impedem a ação metronômica do fogo cardíaco que pulsa a vida em nós; ao sufocar o fogo, eles comprimem a respiração. Ficamos sem fôlego, literalmente, ficamos boquiabertos, nossa voz/via se apaga e morre. Com esta imagem que pode ser, mas não é, e este barco que balança cada vez mais frequentemente num mar agitado, salgado demais, quente demais, ácido demais, amputado da diversidade da sua vitalidade, desejo salientar o fato de que é o conjunto das nossas relações com as forças elementares, dentro e fora de nós, que está desregulado. Uma

das questões que motivam minha pesquisa atual poderia ser formulada da seguinte maneira: como abrir brechas suficientemente amplas para que a água volte a se infiltrar, rachando o concreto de nossas estruturas internas e externas mais habilmente projetadas? Podemos retomar os princípios aquáticos mais amplamente compartilhados antropologicamente e pedir novamente à água que nos alimente, purifique, cure e regenere? As “doenças elementares” devem, ainda e talvez especialmente hoje, ser curadas por “medicinas elementares”.

Em francês, temos aquela expressão evocativa, uma frase de salvação adotada quando tanto o mundo de dentro quanto o de fora desabam: *retourner aux sources* [retornar às origens]⁵. Voltar às origens das fontes significa, literalmente, fazer o esforço de subir a montanha até o ponto onde a água brota, fazer as suas oferendas, curvar-se para beber dessa água e tomar o seu banho purificador e assim se sentir regenerado, curado. Pensemos nas centenas de fontes milagrosas e mananciais mágicos por toda a França, que durante tanto tempo foram conhecidos por curar uma série de males do corpo e da alma e restabelecer o frágil equilíbrio alquímico entre os quatro princípios elementares dentro de nós. Desse “retorno às nascentes”, derivamos em francês outra expressão: *se ressourcer* [recarregar as energias]. Literalmente, extrair uma nova força de um reservatório de potencial infinito; sair renovado se conseguirmos não nos dissolver. Nos transformamos porque nos lavamos profundamente. A água das fontes e nascentes é o veículo de um novo nascimento iniciático, ela permite que morra uma versão antiga de cada um para então se regenerar.

Da possibilidade dessa “regeneração” nas fontes, deriva, finalmente, outra palavra, que de tão enfraquecida acabou por apagar o poder agente e animado do elemento água: o “recurso”⁶. Com esse termo, designamos tudo o que podemos usar como bem entendemos em nossa busca desenfreada por segurança, a cada vez que tapamos os olhos com as mãos e nos escondemos debaixo das cobertas, como fazem as crianças quando estão aterrorizadas. Se tudo, absolutamente tudo o que existe na Terra, foi convertido à força em “recurso” – até mesmo os seres huma-

5. Em francês, *retour aux sources*, o que em português corresponderia a um retorno às origens, às raízes. [N.T.]

6. Em francês, *ressource* (recurso) abriga a palavra *source* (fonte, nascente). [N.T.]

nos (os recursos humanos) –, se podemos extrair de você e de qualquer ser como se fossem, a qualquer momento, um reservatório de potencial infinito, essa característica se acentua ainda mais quando se trata das forças elementares. No coração do último Ocidente, nem a água, nem o ar, nem a terra, nem o fogo são mais animados, não se cogita mais ouvi-los, eles são puras matérias ou simples fluxos geofísicos imediatamente disponíveis para apropriação. É exatamente aí que a maquinaria trava e revela a mentira descarada que nós nos convencemos em acreditar: o vento se levanta, o mar sobe, o trovão ruga, a terra treme.

Voltemos às nossas origens. O grau máximo desse *retour aux sources* [retorno às origens], para que haja uma possível “regeneração”, é a eventualidade do dilúvio, seja ele íntimo ou coletivo: uma época chega ao fim, outra surge. Se as pequenas fontes e as pequenas águas aninhadas nas dobras dos morros, montanhas e penhascos curam pequenos males e têm o poder de lavar o corpo e a alma de suas impurezas, as grandes águas, por sua vez, como enchentes, chuvas torrenciais e tsunamis, têm o imenso poder de apagar a história. As pequenas águas das nascentes restauram o sonhador a um novo estado, uma vez que ele foi recorrer às águas de sua memória; as grandes águas terraformam⁷ o solo comum, levando consigo tudo o que ali se implantou, deixando apenas ruínas como memória. Penso na história de Daria em Kamchatka no final dos anos 60, no rio que transborda após “uma grande ira”, segundo suas palavras, e se espalha como mil cavalos galopando pela taiga, arrancando tudo, apagando com um movimento a tentativa soviética de criar uma fazenda estatal no meio da floresta. Até os ossos dos mortos enterrados foram trazidos à superfície e forçados à dissolução. Não sobrou nada dessa época, diz Daria, a água limpou tudo. Ainda penso em Saint-Christophe-en-Oisans, um pequeno povoado vizinho ao meu, no alto das montanhas, no lago subglacial de altitude que se rompeu no ano passado, no rio furioso descendo a corrente como um dragão vingativo, arrasando uma vila de sete séculos. O coração da igreja hoje reina exposto ao ar livre, pois o rio cortou a construção ao meio e levou metade dela nas suas correntezas.

7. Terraformar: modificar, hipoteticamente, a atmosfera e a temperatura de um corpo celeste (planeta ou satélite) de forma a que ele adquira as condições apropriadas para suportar um ecossistema com seres vivos terrestres. [N.T.]

Ao ouvir tais eventos, não é de se admirar que as manifestações das forças elementares possam ser consideradas como respostas – neste caso, respostas enfurecidas. Usar esse termo, se levarmos a sério o que muitos coletivos indígenas vêm dizendo há tanto tempo, não tem nada de metafórico ou simbólico. A terra responde através de seus fluidos e fluxos, e a questão é: até onde é preciso ir para ouvir essa resposta? O poder animado da água não é, de fato, pensado em todos os momentos e em todos os lugares. Uma entidade que se apresenta como fluida, “jorrando da fonte”, como uma linguagem suave e contínua, não tem muitas chances de ser identificada como locutora de uma resposta. Como diz Henri Corbin, “a agência da água não se pensa em sua infinitude, mas no local onde ela se rompe”⁸. A *tabula rasa* que a resposta das grandes águas traz às nossas rupturas de diálogo é trágica, mas também é uma oportunidade para voltar a pensar com as entidades que compõem os nossos mundos e reconquistar os territórios do sonho, de modo a trabalhar em prol de outros futuros que não o de um mundo aquático povoado por ricos investidores que dividem entre si os restos do bolo até a exaustão.

Água e sonhos, então. Gaston Bachelard dizia que a água é um “tipo de destino”, um sonho sem início nem fim, cujo trabalho repetido de desgaste e dissolução transforma incessantemente a substância do ser. Assim, o Heracliteísmo torna-se uma filosofia antropológica: nunca se banha duas vezes no mesmo rio, pois o ser humano partilha o destino metamórfico da água que corre. Heráclito de Éfeso dizia que a alma, ao separar-se temporariamente das fontes do fogo vivo durante o sono, “tendia momentaneamente a transformar-se em umidade”. Se admitirmos que, para sonhar profundamente, é preciso sonhar com os elementos, então a água se torna uma protagonista muito concreta de nossa história. Vamos nos fazer essa pergunta: e se, em nossos olhos, fosse a água que estivesse sonhando? O poeta francês Paul Claudel dizia que a água era o olhar da terra, sua máquina para observar o tempo.

O poeta, como tantos coletivos indígenas, dizia que o verdadeiro olho da terra era a água. Sua poesia era uma geografia no sentido literal: ele sonhava com a terra e ela sonhava com ele de volta, se dedicava a

8. A citação no texto de origem: “*l’agentivité de l’eau ne se pense pas dans son infinité, mais à l’endroit où elle vient se briser*”. [N.T.]

trabalhar assim uma “geonírica” da terra. Escutemos a literalidade dessa frase: “é a água que sonha em nós e fora de nós, pois a água é o olho”⁹. Aí nos perguntamos em que lado vão parar a metáfora e o símbolo, quando se fala hoje de uma geografia cuja cartografia superficial a fez esquecer que deveria pensar em algo totalmente diferente do planejamento territorial. Prosseguindo com Claudel um pouco mais, e com essa intuição que aqui de novo o aproxima de uma “geonírica mítica” e vai provavelmente ecoar aqui na baía de leite da Guanabara: ele dizia que o rio era “a liquefação da substância da terra, a erupção da água líquida enraizada nas profundezas de suas dobras, o leite sugado pelo oceano que mama”¹⁰. A imagem da água como leite permite compreender imediatamente seus princípios nutritivos. A água se torna o ultraleite, o leite da mãe das mães. Indo um pouco mais além, podemos até dizer que, dos quatro elementos, apenas a água pode ninar. Ninar como uma mãe. A água, que nos carrega e nos embala, nos devolve nossa mãe. Ela também a devolve à própria terra, que, ao bebê-la, ganha vida.

Mas ousar dizer tudo isso é irracional, não é? Trata-se apenas de associações de ideias, expressões sensíveis e poéticas que não têm qualquer validade científica? No entanto, essas correspondências vêm de longe, persistem apesar do rolo compressor da racionalidade moderna, resistem ao desgaste do tempo e à destruição da diversidade cultural. A possibilidade de um diálogo baseado em correspondências entre seres e entidades de composição diferente é fisicamente sem sentido e fisiologicamente inaceitável; e, no entanto, é a única verdade onírica, poética e mítica capaz de ainda ressoar *entre* os mundos.

Vamos admitir a evidência: estamos em uma situação de embargo ontológico. Latour costumava dizer o seguinte: é moderno aquele que acredita que os outros acreditam. É moderno aquele que vê, nos outros, seres estranhamente apegados, presos à crença e à passividade. Essa é toda a questão. Nós realmente retiramos a ontologia da crença, separando objetos e sujeitos e inventando a simbologia e as representações que, por sua vez, explicam por que os seres humanos acreditam. Os sujeitos dessas crenças, a água, o vento, as pedras, o relâmpago, o arco-íris, o rio,

9. A citação no texto de origem: “*c’est l’eau qui rêve en nous et hors de nous car l’eau est l’œil*”. [N.T.]

10. A citação no texto de origem: “*la liquéfaction de la substance de la terre, l’éruption de l’eau liquide enracinée au plus profond de ses replis, du lait sous la traction de l’océan qui tête*.” [N.T.]

etc., foram esvaziados de seus poderes geradores, aqueles mesmos que são transversais aos territórios e às épocas. A partir daí, voltemos à questão: o que nos aterroriza e nos surpreende na ideia de reabrir o mundo, relativizando as causalidades eficazes descritas pela ciência moderna? E a que se deve essa ideia de crença, na qual continuam a cair todos os coletivos que estabelecem relações fora do registro da causalidade moderna? A ideia está na distinção entre conhecimento e ilusão. E essa ideia traz um problema de peso, que muitos pesquisadores e indígenas levantam: a vida prática e encarnada por todos, modernos e outros, não se encaixa nessa distinção, que literalmente implode quando os humanos “estão com”, “estão entre”. É outra forma de vida que mantém a distinção: a forma de vida teórica.

Dizer isso não resolve o problema. Por que é impossível abandonar a divisão entre conhecimento e crença – e, se o fizermos, com que mapa navegar? Se chamamos de “política” a constituição progressiva de um mundo comum, é bastante difícil começar exigindo que todos aqueles que aspiram fazer parte dele se desfaçam das relações que os mantêm vivos. Aliás, evitamos aplicar a nós mesmos o distanciamento que impomos aos outros: continuarmos, quer queiramos quer não, a ser convocados pela natureza e pela sociedade, e pela necessidade e liberdade associadas ao esquema moderno da abundância. Isso é a globalização: alimentar o mito de que o mundo comum será a prolongação e a colocação em prática de um ou de outro desses dois reinos. Lembrem-se da velha máxima constantemente atualizada: libertar os recursos e os seres humanos colocando-os para trabalhar.

O que fazer, então? Certamente não somos obrigados a venerar os espíritos, as imagens e os símbolos nos quais eles são representados ou mesmo encarnados para reanimar o mundo. Mas podemos fazer outra coisa: considerar a possibilidade da existência de laços performativos que atualizam um mundo. Podemos concentrar nossa atenção no que se cria entre seres e entidades de constituição diferente. Talvez você me acompanhe, mas o medo começa a surgir novamente. Não estamos migrando, deslizando da pluralização ontológica para o laxismo ontológico? Não temos muitas coisas a considerar se os elos históricos e situacionais tecidos com os relâmpagos, os espíritos e as montanhas

devem coexistir com o “estilo de veridicção” moderno? Somos tentados a voltar atrás. A cadeia causal, afinal, não era tão ruim assim, pelo menos era mais reconfortante. A simbologia e a “diversidade cultural” que colorem o mundo com mil tons eram mais do que suficientes. Não queremos, desesperadamente, voltar à noite dos tempos do mito, onde as fronteiras entre os seres se dissolvem. Mas não é precisamente isso que a crise atual nos impõe? Refletir sobre as reconfigurações impostas por um mundo onde os seres e as entidades saem dos eixos e deslocam o senso comum? Talvez, mas então isso será apenas uma etapa. Em seguida, será necessário traçar os contornos dessa cartografia, que desejo chamar de *constelacional*.

Como repensar as instâncias de diálogo entre seres tão diferentes que não deveriam ser capazes de dialogar? Como recriar espaço para as relações performativas sem cair num relativismo frouxo em que “vale tudo”, como os personagens do *World of Warcraft*¹¹ ou os delírios de um Trump? Para restabelecer as relações performativas no âmbito de uma metodologia constelar, é preciso retraçar a memória. Refazer o caminho, remontar o fio e sustentá-lo com uma profundidade multiafetiva, multicomposicional e multilocal. É preciso fazer o esforço de refazer o trajeto, a cada vez, para distinguir as boas relações das tóxicas. Os vazios, os plenos. Em suma, é preciso refazer a etnografia e conduzir a investigação.

As constelações não modernas nos curam porque mantêm entidades em múltiplos e frágeis estados, sem exigir que elas durem obstinadamente ou que provenham apenas de nossa psiquê. Por quê? Porque a questão não é colocada nesses termos. Não se trata disso; trata-se do que isso gera, de considerá-las como forças que transformam nossas próprias vidas, do que isso abre como registro da prática e do pensamento: um enriquecimento. Se essa postura for mantida, o puro extrativismo, consumismo, disponibilismo, conservacionismo, todos os *ismos* tornam-se impossíveis. Estamos inseridos em configurações que nos obrigam a retomar o diálogo e a abrir espaço para o que entra à força em nossas vidas.

11. Trata-se de um jogo de interpretação de personagens on-line (RPG). Os jogadores exploram o vasto mundo de fantasia de Azeroth, combatendo monstros, completando missões e evoluindo seus personagens em tempo real, frequentemente em grupos. [N.T.]

Para terminar, vamos para Socoroma e deixemos definitivamente de lado as abstrações que se encaixam muito bem no mecanismo Excel da transição. Socoroma, pequeno povoado *Aymara*¹² na fronteira entre a Bolívia e o Chile, significa “onde a água corre”. As montanhas e as nascentes que delas provêm aguardam as oferendas que virão durante o ritual da Cruz de Mayo. Só que não há mais lugares fora da Época. Há um ano, um caminhão cheio de petróleo capotou na estrada íngreme que domina a aldeia. A chuva, embora rara, caía. O petróleo infiltrou-se em todas as nascentes e espalhou-se por todas as plantações. Plantações de milho, batata e orégano, em torno dos quais se dança, todos os anos em fevereiro, para que cresçam, perpetuem a possibilidade de vida a estas altitudes elevadas. A água foi cortada em Socoroma. As terras, poluídas. Na sua opinião, o que os habitantes têm em mente? A *manqha pacha*, as potências do inframundo, materializadas de forma muito concreta no incidente e na substância preta e viscosa que não combina com a vida. Quem terá que encontrar maneiras de retomar o diálogo com as potências do mundo subterrâneo para remediar a situação e purificar a água? Eles. Porque a situação é essa. Não tem nada de imaginário ou mítico: o nosso mundo é o povoado de água submerso no petróleo, enquanto outros, um pouco mais longe, discorrem sobre o futuro da transição.

12. Os *Aymaras* estão entre os povos indígenas mais antigos dos Andes. Sua história está associada a várias culturas pré-colombianas que prosperaram muito antes do Império *Inca*. [N.T.]

Nastassja Martin é antropóloga, escritora e cineasta. Ela se interessa pelas relações entre cosmologias autóctones, história colonial e crises sistêmicas num contexto de mudanças climáticas. É autora de dois ensaios, *Les Âmes sauvages – Face à l’Occident, la résistance d’un peuple d’Alaska* (La Découverte, 2016); *A l’Est des rêves – réponses Even aux crises systémiques* (La Découverte, 2022), além de uma narrativa literária, *Croire aux Fauves* (Verticales, 2019). Realizou dois documentários, *Kamtchatka, un hiver en pays Even* (51’, ARTE) e *Kamtchatka, un été en pays Even* (52’, ARTE) e um longa-metragem, *Tvaïan* (90’, ARTE), a ser lançado. Atualmente é titular da cátedra CNRS Habitabilidade da Terra e Transições Justas, e afiliada ao ISJPS (Sorbonne, Paris1).

TRADUÇÃO

ALICE FERREIRA FERNANDES

Brasileira de Curitiba (Paraná), trabalha como professora, tradutora, intérprete e autora de métodos pedagógicos de português como língua estrangeira no meio acadêmico e associativo. Radicada entre a França e a Bélgica há mais de quinze anos, é também musicista e desenhista, colaborando em diferentes coletivos artísticos.

REVISÃO

LUISA MORAIS

Luisa cresceu na cidade de Minas Novas, localizada no Vale do Jequitinhonha, em uma paisagem de mata, objetos feitos de argila e cerimônias ao som de tambores. Para continuar seus estudos universitários, ela teve que se mudar para Belo Horizonte, onde se formou em português-francês pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, Luisa trabalha como tradutora e professora de FLE.

A coordenação editorial deste Caderno Selvagem é de Anna Dantes, a produção editorial de Daniel Grimoni e a diagramação é de Tania Grillo. A coordenação da tradução do francês para o português é de Christophe Dorkeld.

Mais informações em selvagemciclo.org.br

Tudo que Selvagem cria é para ser compartilhado gratuitamente. Você pode usar livremente esse material, em parte ou na íntegra, desde que dê créditos à Associação Selvagem e mantenha o acesso gratuito. Para permissões adicionais, escreva para contato@selvagemciclo.org.br.

Gostamos muito de acompanhar a circulação dos materiais Selvagem pelo mundo, e por isso, se usar esse material de alguma forma, convidamos também a compartilhar registros pelo e-mail acima.

Se você deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas: www.selvagemciclo.org.br/apoie.

Agradecemos!

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2026
ISBN: 978-65-84440-88-3

